

poéticas políticas

De Angicos a Lima: quando Paulo Freire encontra o filho do padeiro

From Angicos to Lima: when Paulo Freire meets the baker son

Helga Maria Martins de Paula¹

¹ Universidade Federal de Jataí e Universidade Federal de Goiás. Jataí, Goiás, Brasil.
E-mail: helgamartinsdepaula@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1918-7111>.

Submetido em 07/11/2021. Aceito em 29/01/2021.

insurgência

InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais, v. 8, n. 2, 2022
ISSN 2447-6684



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons 4.0.
Este trabajo es licenciada bajo una Licencia Creative Commons 4.0.
This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0.

De Angicos a Lima: quando Paulo Freire encontra o filho do padeiro

Resumo: O texto é uma palestra realizada em uma mesa com o título: “Educação é um ato de amor, por isso um ato de resistência: homenagem ao centenário de Paulo Freire”. Uma história ainda a ser contada: quando Paulo Freire, em seu centenário, encontra Augusto Boal, o filho do padeiro, em seu 90º aniversário, temos a possibilidade de um diálogo no qual amor e coragem se conjugam como luta, ensaio para a revolução das/os oprimidas/os. Atrelados às lutas históricas de nosso tempo, com as cabeças pensando onde os pés pisam, quando pedagogia e teatro do oprimido abrem os caminhos, podemos ver o horizonte da utopia concreta de uma nova sociabilidade, que supere a exploração e as opressões.

Abstract: The text is a lecture given at a table with the title: “Education is an act of love, therefore an act of resistance: homage to the centenary of Paulo Freire”. A story yet to be told: when Paulo Freire, in his centenary, meets Augusto Boal, the baker's son, on his 90th birthday, we have the possibility of a dialogue in which love and courage come together as a struggle, rehearsal for the revolution of /the oppressed/os. Linked to the historical struggles of our time, with heads thinking where the feet tread, when pedagogy and theater of the oppressed open the way, we can see the horizon of the concrete utopia of a new sociability, which overcomes exploitation and oppression.

Abram os caminhos... abram os caminhos...

Angicos, Lima e uma grande ponte em tempos de dor, perseguição e morte, tempos em que falar o óbvio nos matava.

Tempos de antes, tempos de agora.

Nessa ponte, há cem anos, os pés pisavam onde a cabeça de Freire estava, trajetória de sílabas com sentido de vida e movimento.

Nessa ponte, há noventa anos, espect.-atores trilhavam ensaios para a revolução, da revolução que ficamos por organizar na América do Sul, para Nuestra America, com o teatro como arma das/os oprimidas/os.

Nessa ponte, desde 2014, Josiane Evangelista nos dá nome e coragem para nos entendermos no mundo, em Goiás, em Jataí, em uma Universidade ainda a construir.

Nessa ponte, de Angicos a Lima, da universidade necessária à universidade popular, do exílio forçado/desterro a Jataí: Maria Eloá e Dirce Machado nos avisam: educação popular se faz com luta em Trombas e Formoso.

Nessa ponte, o tempo não é estanque, é instrumento político pedagógico de libertação das/os exploradas/os e oprimidas/os: é casulo e asa.

Nessa ponte, sofremos com mais de 608.000 que se foram e nos transmutamos em trincheiras para seguirmos, juntas e juntos, não para Passárgada, mas para tempos em que nós vivenciemos (Viva Brecht!) a compaixão indispensável dos oprimidos pelos oprimidos.

Ela é a esperança do mundo.

Amor e Coragem se conjugam como luta:

Da educação idealizada e romantizada ao senso comum: é importante partirmos do questionamento: o que significa a educação como ato de amor?

Caso seja mera reprodução de pressupostos e supostas qualificações de cunho individual e individualizante, como resiliência, aceitação, subordinação e harmonia para manutenção do *status quo*, devemos em alto e bom som dizer que não se trata de amor, e sim das amarras que nos mantém sob o véu da reificação, da mercantilização da vida em suas múltiplas determinações.

A educação é amor quando conhecimento da nossa realidade para que, então, a transformemos:

mas não basta o querer individual, não basta a vontade e as boas intenções (de “boas intenções” o Todos pela Educação e o Banco Mundial estão cheios...), são necessárias condições: mãos, braços, cabeças pensando onde os pés pisam, continuidade na práxis que vem das encruzilhadas, quilombos, aldeias, comunas, Desde as margens, desde as periferias,

Desde a vida em movimento no chão do campo que planta comida, não commodities,

Do chão da fábrica ocupada e operada pelas/os trabalhadoras/es,

Desde a Universidade pintada de povo.

O primeiro movimento amoroso que podemos construir é o do amor enquanto conhecimento de como funciona a sociedade (retirando o véu da alienação) porque quem sabe mais, luta melhor.

Qual sociedade?

Sociedade marcada pela sociabilidade capitalista e pela captura de processos de subjetivação (que nos forjam) sob a égide de dominação de um Estado com nome e sobrenome (burguês/autocrático).

Nossa formação sociohistórica é marcada pela dor e feridas permanentes- e que se aprofundam- do genocídio (ontem e hoje), escravidão, racismo, profundas violências respaldadas e perpetradas pelo direito:

Da Lei de Terras ao Decreto antiterrorismo,

Da prisão de Amarildo à humilhação de Mariana,
 Da chibata ao pau-de-arara de Brilhante Ustra,
 Da chibata às pedras colocadas embaixo das pontes, onde dormem os nossos e
 nossas,

Do pau-de-arara de Brilhante Ustra às mais de 10 mil portarias e decretos que
 sabotaram os processos de combate à pandemia de COVID-19.

Falar de educação como amor é falar de indignação que sai da garganta não
 como “performance” ou como grito que se esvai em si, sem eco e sem repercussão.

É grito que se grita junto, é meta da forma, metamorfose, movimento, fluir do
 tempo, que tanto cria como arrasa. Viva Mauro Iasi!

É trabalho no qual desejo e necessidade é que são os termos de equivalência.

Então, hoje, vamos conjugar educação, amor e coragem como luta.

Lutas, marretas e projetos: de volta a Angicos

A educação é um campo em disputa no qual projetos se apresentam a todo
 momento: EAD, metas, inovação, empreendedorismo e concepção empresarial a partir
 da manutenção da ordem (im) posta: “vocês querem nos robotizar, ao invés de
 humanizar” como diria Novíssimo Edgar.

Nenhuma palavra é ao acaso. Nenhum conceito é em vão.

A disputa nunca é apenas discursiva: ela se apresenta no nosso dia-a-dia a todo
 momento: cabe a nós discernirmos para que não sejamos Pinóquios de um Gepeto
 Kroton-Bunge.

A disputa pela educação e por esse aparelho privado de hegemonia que é a
 Universidade (expressão das relações de classe e de dominação próprias de um tipo
 particular de capitalismo que aqui se desenvolveu e do caráter autocrático burguês do
 Estado correspondente) está posta.

Ainda que aparelho privado de hegemonia burguesa (no caso do Brasil
 recheado de coronéis, fisiologismos políticos e cabrestos), a luta por um projeto que
 conjugue amor e coragem, a luta por uma Universidade Popular, é construir a
 convicção que esta deve expressar, em seu interior, a voz e os interesses do campo
 popular: devemos dar forma e direção aos interesses proletários nesta luta, neste
 espaço.

Sem ilusões, mas com amor-resistência-reorganização.

Se eles têm inovação, nós temos tecnologia a partir, para e com o propósito de
 transformação social:

Do tempo/trabalho uberizado de uma tecnologia que serve ao commodity enquanto as/os nossas/os lutam por sacos de ossos, ao tempo do que produzimos nos pertencer em sua totalidade, na medida das necessidades do estômago e da fantasia.

Pensar e realizar a ciência, a Universidade, a produção do conhecimento, o ensino, a pesquisa e a extensão implica nos questionarmos: para que? Para quem? Como?

As respostas às essas questões estão nas posturas e assunção de visões de mundo assumidas pelos sujeitos históricos envolvidos.

Podemos pegar marretas e destruir as pedras da desumanização.

Que a coragem de amar a luta por uma Universidade Popular nos impulse a superar essa sociabilidade e que continuemos a esperar resistência com as vozes das/os que vieram antes de nós:

Viva Boal!

Viva Paulo Freire!

Viva Maria Eloá!

Viva Dirce Machado!

Viva Josiane Evangelista!

Viva Dandara!

Viva Marighella!

Viva a história das/os lutadoras/es sociais!

Viva Libertárias, NAJUP, Pagu, Ana, Clara e Rosa!

Viva a história viva da nossa classe no movimento por uma educação e Universidade

Populares!

Referências

BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

IASI, Mauro. *Aula de Vôo*. Disponível em: <https://acasadevidro.com/aula-de-voos/>. Acesso em 05 nov. 2021.

Helga Maria Martins de Paula | Professora Adjunta de Direito Público na Universidade Federal de Jataí (UFJ) e no Programa de Pós-Graduação em Direito Agrário da UFG. Professora convidada no Programa de Pós Graduação em Educação da UFJ. Doutora em Direito, Estado e Constituição pela Universidade de Brasília (UnB). Coordenadora do projeto de pesquisa Pandemia e Agronegócio: expropriações e desigualdades desde o capitalismo dependente periférico brasileiro e também dos projetos de extensão Cursinho Popular Maria Eloá e Promotoras Legais Populares Libertárias Jataí. Pesquisadora dos Grupos de Estudos e Pesquisas Germinal-Sociedade, Cultura e Formação Humana; Eu Quero-Saúde materno-infantil nos 1000 dias; e O Direito Achado na Rua. Colaboradora do Laboratório de estudos marxistas (LEMARX-UESB). Integra o Grupo de Trabalho "Reconfiguração do Capital" da CLASCO. Parecerista das Revistas da Associação Nacional de Pós Graduandas/os (ANPG), Aby Ayala, Revista de Direito Agrário UFG e Insurgência: revista de direitos e movimentos sociais. Foi coordenadora do curso de direito da UFG/Jataí no período de 2012 a 2014. Vice-coordenadora de 2010 a 2012 e de 2018 a 2020. Foi Coordenadora de estágio e do Núcleo de Prática Jurídica no período de 2010 a 2012. É presidente do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Direito da UFJ (2020-2022). Representante da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais Aplicadas na Câmara de Pesquisa e Pós-Graduação da UFJ. Tem experiência na área de Direito Público, com ênfase em Direitos Humanos, Sociologia Jurídica e Teoria do Direito. Desenvolve pesquisas na área de Teoria Crítica do Direito, Direito e Marxismo, Educação Popular (classe, raça e gênero).